

**TEOLOGIA**  
**SISTEMÁTICA**  
**BÍBLICA E HISTÓRICA**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)  
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Culver, Robert Duncan

Teologia sistemática : bíblica e histórica /

Robert Duncan Culver ; tradução Valdemar Kroker . . . [ et. al ]. -- São Paulo :  
Shedd Publicações, 2012.

Título original: Systematic theology: biblical and historical

Outros tradutores: Thomas Nefeuld de Lima, Harold Janzen,  
Daniel Hubert Kroker.

ISBN 978-85-8038-017-0

1. Teologia bíblica 2. Teologia doutrinal 3. Teologia - História  
4. Teologia sistemática I. Título.

12-10829

CDD: 230

Índices para catálogo sistemático:

1. Teologia cristã 230

**ROBERT D. CULVER**

TRADUÇÃO

Valdemar Kroker

Thomas Nefeuld de Lima

Haroldo Janzen

Daniel Hubert Kroker

**TEOLOGIA**  
**SISTEMÁTICA**  
**BÍBLICA E HISTÓRICA**



**SHEDD**  
PUBLICAÇÕES

Copyright © Shedd Publicações  
Título do original em inglês: *Systematic Theology*  
Publicado pela Christian Focus Publications, 2005  
Geanies House, Fearn, TAIN IV20 ITW

1ª edição: 09/2012

Publicado no Brasil com a devida autorização e com todos os direitos reservados por SHEDD PUBLICAÇÕES,  
Rua São Nazário, 30, Sto Amaro,  
São Paulo-SP - 04741-150  
www.loja.sheddpublicacoes.com.br | email: sheddpublicacoes@uol.com.br

Proibida a reprodução por quaisquer meios (mecânicos, eletrônicos, xerográficos, fotográficos, gravação, estocagem em banco de dados, etc.), a não ser em citações breves com indicação de fonte.

ISBN 978-85-8038-017-0

Impresso no Brasil / *Printed in Brazil*

---

#### TRADUÇÃO

Valdemar Kroker  
Daniel H. Kroker  
Thomas Nefeuld de Lima  
Haroldo Janzen

#### REVISÃO

Lena Aranha  
Regina Aranha  
Rogério Portella  
Vivian do Amaral Nunes

#### DIAGRAMAÇÃO E CAPA

Edmilson Frazão Bizerra

# Sumário

<b>Conteúdo</b>	<b>7</b>
<b>Abreviações</b>	<b>11</b>
<b>Sobre o autor</b>	<b>13</b>
<b>Agradecimentos</b>	<b>15</b>
<b>Prólogo de Walter C. Kaiser Jr.</b>	<b>16</b>
<b>Prólogo ao leitor</b>	<b>18</b>
<b>Parte 1: Teologia propriamente dita — <i>Introdução e doutrina de Deus</i></b>	<b>23</b>
<b>Parte 2: Antropologia — <i>O homem como foi criado</i></b>	<b>317</b>
<b>Parte 3: Hamartiologia — <i>O homem como pecador</i></b>	<b>457</b>
<b>Parte 4: Cristologia — <i>Pessoa e obra de Cristo</i></b>	<b>563</b>
<b>Parte 5: Soteriologia — <i>A salvação aplicada</i></b>	<b>845</b>
<b>Parte 6: Eclesiologia — <i>Igreja local e universal</i></b>	<b>1051</b>
<b>Parte 7: Escatologia — <i>Últimas coisas, indivíduo e universo</i></b>	<b>1321</b>
<b>Bibliografia</b>	<b>1515</b>



# Conteúdo

<b>PARTE 1: TEOLOGIA PROPRIAMENTE DITA</b>	<b>23</b>
1. Uma introdução à teologia cristã	24
2. Assuntos preliminares para falar sobre Deus	37
3. Termos especiais da conversa sobre Deus	45
4. Por que as pessoas de fato creem em Deus?	58
5. Razões para crer em Deus	67
6. Como Deus se revelou à humanidade	78
7. Os nomes de Deus	89
8. Os atributos de Deus	99
9. A espiritualidade da Divindade	107
10. A unidade da Divindade	119
11. A grandeza da divindade	129
12. A bondade da divindade	142
13. A Trindade da divindade na história bíblica e cristã	157
14. A trindade da divindade: perguntas, expressões históricas, ilustrações, valores, distinções, precauções	169
15. Predestinação ou os decretos de Deus: O plano eterno de Deus para os céus e a terra (I)	180
16. Predestinação ou os decretos de Deus: O plano eterno de Deus para os céus e a terra (II)	191
17. A obra divina da criação (I)	204
18. A obra divina da Criação (II)	217
19. O mundo dos espíritos invisíveis: seu lugar na criação	234
20. Satanás e os demônios: espíritos criados caídos	250
21. A obra divina da preservação e da providência	270
22. Apêndices acerca da obra divina da preservação e da providência	284
23. A bem-aventurança de Deus, ou sua impassibilidade	303
<b>PARTE 2: ANTROPOLOGIA</b>	<b>317</b>
1. Introdução à antropologia	318
2. Origem e unidade da humanidade por meio da Criação	333
3. A humanidade, a imagem de Deus	343



4. Os aspectos não físicos da natureza humana	356
5. Os elementos da natureza humana	369
6. A origem da alma	378
7. Ambiente, circunstâncias e habilidades originais da humanidade	387
8. O propósito divino com e para a humanidade	401
9. A apostasia da humanidade: Período probatório, tentação e Queda	411
10. Consequências da Queda da humanidade	424
11. Humanidade caída na ordem da natureza	437
12. A humanidade caída no mundo	447
<b>PARTE 3: HAMARTIOLOGIA</b>	<b>457</b>
1. Introdução à hamartiologia	458
2. O vocabulário, comum e bíblico, sobre o pecado	462
3. A natureza do pecado: o pecado como mal moral	471
4. A natureza do pecado: O pecado como propensão	484
5. Os pecados como atos cometidos por pecadores	491
6. Controle divino e extremos humanos	502
7. A transmissão do pecado ao longo das gerações do ser humano	509
8. Teorias da imputação do pecado	510
9. Análise do problema da imputação do pecado e uma proposta de solução	532
10. O reinado mundial do pecado	547
11. As consequências pessoais do pecado	557
<b>PARTE 4: CRISTOLOGIA</b>	<b>563</b>
1. Introdução à cristologia	564
2. Preparo para a vinda de Cristo	575
3. A preexistência de Cristo	587
4. A divindade de Cristo (I): introdução, nomes e atributos da divindade	596
5. A divindade de Cristo (II): obras, declarações, reverência, pressuposições, posição da divindade	606
6. Anthropotēs, a natureza humana de Cristo	616
7. O nascimento virginal de Cristo	627
8. A encarnação do Filho de Deus	646
9. A pessoa encarnada de Jesus Cristo	657
10. A obra salvífica do Filho de Deus encarnado: tópicos, termos, questões, desenvolvimento	669
11. Humilhação e exaltação: dois estados da vida encarnada do Filho de Deus	680
12. A vida sem pecados de Jesus	693
13. Paixão e morte de Jesus	706
14. O significado da morte de Cristo (I): Como explorar o mistério revelado	718





15. O significado da morte de Jesus Cristo (II): O vocabulário bíblico da expiação	726
16. O significado da morte de Cristo (III): Expição mediante satisfação vicária	744
17. O alcance da expiação (propiciação)	760
18. Outros benefícios e conquistas da morte de Cristo em nosso lugar	774
19. A doutrina da propiciação antes de Anselmo	785
20. A ressurreição de Cristo (I)	796
21. A ressurreição de Cristo (II)	805
22. A ascensão de Cristo	815
23. Entronizado no céu à direita de Deus	824
24. A presente obra sumo sacerdotal celeste de Cristo nosso Senhor	832

## **PARTE 5: SOTERIOLOGIA** **845**

Prefácio	846
1. Introdução à doutrina da salvação	848
2. Que é a salvação	854
3. Ordo Salutis, ou a Ordem da Salvação	862
4. A doutrina da graça	869
5. A doutrina da união com Cristo	879
6. A doutrina da eleição	888
7. A doutrina do chamado	904
8. A doutrina da regeneração	913
9. A doutrina da conversão	926
10. A doutrina do arrependimento	935
11. A doutrina da fé: fatores linguísticos e elementos específicos	945
12. A doutrina da fé: o construto teológico	954
13. A doutrina da justificação pela fé	969
14. A doutrina da adoção	982
15. A doutrina da santificação: fatores linguísticos e aspectos posicionais passados	986
16. A doutrina da santificação: aspectos presentes e futuros	996
17. A doutrina da perseverança	1009
18. A doutrina da certeza da salvação	1018
19. Salvação por meio de Cristo somente	1028
20. Estaria Cristo presente em religiões não cristãs?	1041

## **PARTE 6: ECLESIOLOGIA** **1051**

1. A importância decisiva da doutrina da igreja	1052
2. Definição de eclesiologia	1063
3. As palavras “igreja” e ekklēsia	1071
4. As metáforas, imagens e ideias associadas à igreja	1078
5. O aspecto duplo da igreja, universal e local	1086

6. O alicerce da igreja	1096
7. O estabelecimento da igreja	1102
8. A igreja em relação a Israel	1114
9. A igreja em relação ao Reino de Deus	1126
10. A natureza essencial da igreja	1142
11. A unidade da igreja	1155
12. Os dons de Cristo à igreja	1169
13. A missão da igreja no mundo	1181
14. Os propósitos atuais de Deus para a igreja e seu destino	1193
15. A natureza da igreja local	1201
16. A forma da igreja: organização e governo	1212
17. Sistema de governo na igreja: Teorias de governo da igreja	1224
18. As funções na igreja e o ministério (I): assuntos preliminares	1236
19. As funções na igreja e o ministério (II)	1247
20. A disciplina na igreja	1254
21. Encontros públicos de adoração na igreja	1262
22. A ordenança do batismo: O rito de iniciação na igreja (I)	1281
23. A ordenança do batismo: O rito de iniciação na igreja (II)	1290
24. Adoração à mesa do Senhor (I)	1300
25. Adoração à mesa do Senhor (II)	1310

## **PARTE 7: ESCATOLOGIA** **1321**

1. Introdução à escatologia	1322
2. Morte, mortalidade e imortalidade	1335
3. Onde estão os mortos agora e qual é sua condição? A doutrina do estado intermediário	1351
4. A doutrina da ressurreição dos mortos (I): Suas características principais e posição singular na religião bíblica	1369
5. A doutrina da ressurreição dos mortos (II): Tempo e ordem da ressurreição dos mortos	1382
6. A doutrina do juízo	1398
7. O destino final dos não salvos (I)	1408
8. O destino final dos não salvos (II)	1423
9. Céu, o lar eterno dos redimidos	1438
10. O segundo advento de Cristo e acontecimentos correlatos	1457
11. O tempo da volta do Senhor	1469
12. Precursores do dia do Senhor: a grande tribulação, a grande apostasia e a revelação do homem do pecado	1479
13. Os mil anos de Apocalipse 20	1491
14. Perspectivas recentes e atuais sobre o “milênio”: pós-milenismo, amilenismo e pré-milenismo	1497
15. O futuro estado eterno	1509

## Abreviações

Não se emprega nesta obra um sistema formal de abreviações, a não ser para os livros bíblicos. A maioria das abreviações é evidente no contexto do capítulo. A seguir estão algumas abreviações menos óbvias. Os dados bibliográficos completos estão na bibliografia.

- ABD — *Anchor Bible Dictionary*, 6 volumes  
ANF — *The Ante-Nicene Fathers*, 10 volumes  
Barth — Karl Barth, *Church Dogmatics*, 13 volumes  
Bauer, ou Arndt e Gingrich — Walter Bauer, *A Greek-English Lexicon of the New Testament and Other Early Christian Literature*, tradução e adaptação da 5ª edição de W. F. Arndt & F. W. Gingrich  
Bettenson — Henry S. Bettenson, *Documents of the Christian Church*  
BDB — Brown, Driver e Briggs, *A Hebrew and English Lexicon of the Old Testament*  
Calvin, *Institutes* — João Calvino, *Institutes of the Christian Religion*, 2 volumes  
Catholic Encyclopedia — *The Catholic Encyclopedia, An International Word of References on Constitution, Doctrine, Discipline and History of the Catholic Church*, 16 volumes  
Denzinger — Henry Denzinger, *The Sources of Catholic Dogma*  
EDBT — *Evangelical Dictionary of Biblical Theology*, ed. Walter A. Elwell  
EDT — *Evangelical Dictionary of Theology*, ed. Walter A. Elwell  
HDB — *A Dictionary of the Bible*, ed. James Hastings, 5 volumes  
Liddell e Scott — *A Greek-English Lexicon, Based on the German Work of Francis Passow*, de Henry G. Liddell e Robert Scott  
LW — *Luther's Works*, ed. J. Pelican e H. T. Lehmann, 55 volumes  
McClintock e Strong — *Cyclopedia of Biblical, Theological and Ecclesiastical Literature*, preparado por John McClintock e James Strong, 12 volumes  
NPNF, I — *Nicene and Post-Nicene Fathers*, Primeira Série, 14 volumes  
NPNF, II — *Nicene and Post-Nicene Fathers*, Segunda Série, 14 volumes  
OED ou *Oxford English Dictionary* — *The Compact Edition of the Oxford English Dictionary*  
Filo — *The Works of Philo*, New Updated Edition, Complete & Unabridged in One Volume  
Strack & Billerbeck — *Kommentar zum Neuen Testament aus Talmud und Midrasch*, 6 volumes, Hermann L. Strack e Paul Billerbeck  
TDNT — *Theological Dictionary of the New Testament*, 10 volumes, eds. G. Kittel & G. Friedrich, trad. G. W. Bromiley  
TWNT — *Theological Workbook of the Old Testament*, 2 volumes, eds., R. L. Harris, G. L. Archer Jr., B. K. Waltke  
ZPEB — *The Zondervan Pictorial Encyclopedia of the Bible*, 5 volumes, ed. M. C. Tenney



## Sobre o autor

Robert Culver nasceu na região rural do condado de Yakima, estado de Washington (EUA). Em uma pequena vila ele e sua família se tornaram membros de uma comunidade de crentes, que já enviou muitos dos seus filhos e filhas para diversas carreiras missionárias e pastorais. Recebeu a educação básica em escolas públicas. Formado pela Faculdade Heidelberg (A.B.) e pelo Grace Theological Seminary (B.D., Th.M., Th.D.), fez estudos pós-doutorais na Universidade de Minnesota.

O dr. Culver recebeu a ordenação formal para o ministério imediatamente após a formatura no seminário, mas durante toda a vida adulta ele tem sido pregador, pastor e professor, até hoje. Sua carreira como professor o levou ao Grace Theological Seminary (Professor de Antigo Testamento e Hebraico), Faculdade e Escola Superior de Wheaton (Professor Adjunto de Bíblia e Teologia), Trinity Evangelical Divinity School (Professor e Chefe da cadeira de Teologia). Ele foi diretor anual da Near-East School of Archaeology at Jerusalem [Escola de Arqueologia do Oriente Próximo em Jerusalém] (1962), professor especial ou visitante em escolas do Canadá, EUA, Jordânia, Hong Kong, França, Holanda e Argentina. Entre suas diversas obras publicadas, talvez as mais conhecidas sejam *The Life of Christ* [A vida de Cristo], *Civil Government: A Biblical View* [Governo civil: uma visão bíblica], *Daniel and the Latter Days* [Daniel e os últimos dias] e a seção sobre “Daniel” no *Wycliffe Commentary*.



# Agradecimentos

A produção deste livro, pela graça de Deus, envolveu os esforços meticulosos e persistentes de muitas pessoas competentes além do autor. Malcom Maclean, editor da Mentor Imprint, Christian Focus Publications, foi o primeiro a examinar uma parte (Parte 6) do manuscrito e garantiu a aceitação do todo para publicação. Willie MacKenzie, gerente editorial, conduziu com muita paciência o projeto todo desde o princípio da edição até a preparação dos índices, culminando na impressão e distribuição. Colin Duriez editou a maior parte do livro e conduziu o trabalho de edição do todo. Ele fez muitas sugestões bastante úteis, notavelmente a adoção da *English Standard Version* para todas as citações bíblicas não indicadas de outra maneira. Diversos preparadores de texto e revisores de provas, Jonny Sherlock, Anella MacDonald e Martin Maclean e outros cujos nomes não sei, ajudaram a preservar a integridade da intenção do autor e corrigir a forma do produto final. Susan Hart, diretora da Biblioteca Pública de Rushford, Minnesota, ajudou a suprir ao autor livros e informações documentais por meio do sistema de busca e de empréstimo entre bibliotecas nos anos em que este livro foi escrito. Jonathan Burd preparou o extenso índice de citações bíblicas e David Craddock, em tempo restrito, preparou o índice geral de nomes e temas.

Devo um reconhecimento especial a Celeste Knipmeyer Culver, minha esposa de 30 anos de casamento, e amada madrasta, avó e bisavó. Ela trabalhou constantemente nesse projeto, quase de tempo integral desde antes de 1990, quando decidimos dedicar nossas melhores energias a ele. Ela colocou todas as palavras e sinais em uma série de computadores, e verificou minhas folhas tamanho A4 por meio de revisões, reformulações e entrega a editores e correções finais antes de o trabalho seguir para a gráfica. Sem as contribuições animadoras e o apoio moral dela este livro de teologia sistemática nunca teria visto a luz do dia.

Da mesma forma meus três filhos, Douglas, Keith e Lorraine sempre me encorajaram a concluir o projeto que começou, eles bem sabem, há muito tempo.

Como disse o próprio Jesus, com relação a outro assunto: “Outros realizaram o trabalho árduo, e vocês vieram a usufruir do trabalho deles” (Jo 4.38).

## Prólogo de Walter C. Kaiser Jr.

Nem todos os livros que viram a luz do dia deveriam ter sido escritos, mas esta obra do rev. dr. Robert Duncan Culver tinha de ser escrita. Sem ele, estaríamos privados de um dos melhores exemplos do uso exegético da Bíblia na formação de uma teologia sistemática para nossos dias. Partes dessa linha de ensino só se tornaram conhecidas pelas apresentações orais de uma corrente de grandes mestres que o dr. Culver representa como a mais alta realização na área da Teologia Sistemática dessa linha de mestres piedosos.

Mesmo que estejamos vendo repentinamente grande alvoroço de atividade em número e em tamanho dos volumes sobre esse tópico, este livro é constituído de tal singularidade que nossa geração e as subsequentes, se o Senhor demorar, teriam ficado com algumas lacunas substanciais na compreensão do sistema de pensamento encontrado nas Escrituras. Tive o privilégio de ouvir grande parte desses volumes como estudante, colega e amigo.

Minha relação com Robert Culver e seu ensino remonta à segunda parte da década de 1950 quando era estudante de pós-graduação e fui seu assistente. À medida que o auxiliava avaliando os testes de doutrina dos alunos da faculdade e às vezes dava uma aula no lugar dele, tornei-me consciente do seu pensamento e da sua abordagem fortemente bíblica de toda a doutrina. Mais tarde pude fazer seu curso de nível de pós-graduação sobre eclesiologia e escatologia. Mas esse não seria o fim do nosso relacionamento ou parceria no evangelho, pois, como estudante de pós-graduação, mais tarde me tornei seu pastor assistente em uma igreja próxima durante um ano e meio até o término do curso. Algum tempo depois disso servimos juntos em duas faculdades distintas. Por isso, devo muito a ele por muitas linhas do meu próprio pensamento, pois fui desafiado a ser sempre mais radicalmente bíblico no pensamento e também sistemático no pensamento.

Há pessoas demais hoje em dia achando que a teologia sistemática é a prima pobre das novas formas de teologia bíblica com seus métodos diacrônicos em contraste com as categorias sistemáticas envolvendo pensamento metafísico, epistemológico e lógico. Essa é uma posição extremamente infeliz, pois a certa altura a nossa geração verá que, apesar de toda a validade encontrada nos métodos distintivos da teologia bíblica (e há muita), nenhuma disciplina consegue, por si só, realizar todas as tarefas necessárias impostas a ela pelas questões, perguntas e expectativas extraordinárias do nosso tempo. Uma simples folheada por este livro provará esse ponto de imediato.

Não é o caso de a teologia sistemática estar sujeita às categorias filosóficas gregas, ou às modernas, enquanto a teologia bíblica não tem nada dessa indumentária. Isso seria entender erroneamente o próprio método sem avaliar de modo crítico a bagagem que possa acompanhar seu estudo da Bíblia. Não devemos ser tímidos nos nossos dias e deixar de reivindicar a possibilidade de defender o “significado correto” ou a “interpretação objetiva” do texto das Escrituras, pois negar que alguém possa ter um significado correto ou objetivo significa afir-





mar objetivamente a inexistência desse significado! É dizer, como um dos meus professores universitários declarou de forma ostensiva: “Não há absolutos!”. Quando lhe perguntei da forma mais insuspeita possível se ele afirmava isso em caráter absoluto, ele respondeu sem pensar: “Absolutamente!”. Ele também precisou ser envolvido exatamente no que negava.

Por isso, sou muito grato ao meu professor, colega e amigo de longa data por dar a todos nós esta obra extraordinária que representa o fruto de uma vida inteira de estudo da Palavra de Deus e de ensino de teologia a estudantes, seminaristas e ao corpo de Cristo. Que nosso Senhor possa usá-la para promover a obra do evangelho em todo o mundo neste novo século quando novos crentes estão chegando à família de Deus na proporção fenomenal de dois novos crentes por segundo, especialmente nos países menos desenvolvidos.

Walter Kaiser Jr.

*Presidente Emérito e Professor Distinto de Antigo Testamento da cadeira*

*Colman M. Mockler*

*Gordon-Conwell Theological Seminary*

*South Hamilton, Massachusetts (EUA)*

## Prólogo ao leitor

O estudante ou estudioso que tem este livro em mãos ou sobre a escrivaninha, aberto nesta página, provavelmente teve fortes razões para comprá-lo ou tomá-lo emprestado. Não foi uma decisão casual. Tampouco é casual a decisão de ler algo tão volumoso. O primeiro capítulo “Uma introdução à teologia cristã”, e os cinco capítulos seguintes, embora estejam na seção *Teologia propriamente dita* (a doutrina de Deus), têm a intenção de preparar a mente e a vontade do leitor para toda a disciplina da teologia cristã. Mente e vontade precisam ser preparadas, pois somente com mãos limpas e o coração puro subimos o monte do Senhor (Sl 24.3,4).

Alguns tratamentos de teologia sistemática prefaciam a obra toda com um livro separado ou uma enorme seção chamada *prolegômenos* (termo derivado do grego que significa “coisas ditas de antemão”) semelhante a um *prólogo*, derivado do drama grego com o significado de monólogo introdutor da ação principal de uma peça teatral. Eu partilho da visão de muitos outros de que essas questões profundas (história do tópico, teorias do conhecimento e da hermenêutica, sistemas concorrentes, fontes etc.) se encaixam melhor em dois outros lugares: quando as questões e tópicos surgirem — como inevitavelmente acontece — em diversos lugares ao longo de toda a teologia sistemática, ou, os mesmos tópicos podem ser ensinados como apologetica ou filosofia da religião concomitantemente à teologia ou depois dela.<sup>1</sup>

### Fonte e meios

A teologia *evangélica* sólida deve fazer distinção entre a *fonte* das doutrinas cristãs (ou dogma da igreja) e os *meios* para compreender essas doutrinas e saber como formulá-las em um sistema de pensamento. A única fonte de doutrina teológica é a Palavra de Deus. O homem, diz Jesus, vive “de toda palavra que procede da boca de Deus” (Mt 4.4). Na atualidade, muito depois do término das épocas da revelação, nosso único acesso a essas palavras são as Escrituras canônicas do Antigo e do Novo Testamento, a fonte da nossa teologia. Os *meios* principais e reconhecidos para obter a verdade da *fonte* são tradição, razão e experiência.

A *tradição* — no sentido da história da exegese e interpretação das palavras de Deus na Palavra — é o meio de que todos os teólogos dependem de uma maneira ou de outra. A tradição está vestida de credos, confissões e todos os comentários e obras de teologia, e ainda das instruções de mestres, pais e pastores. Nenhum autor de teologia começa do zero. Todo autor de teologia recorre à sua tradição e a passa adiante com contribuições próprias. De outra forma, seu livro seria tão inadequado como percepção da revelação cristã quanto os esforços vacilantes dos primeiros autores eclesiais no segundo século cristão.

<sup>1</sup> Desde o tempo de Schleiermacher, 1768-1834, a apologetica é às vezes chamada *teologia fundamental*. Um grande simpósio de estudiosos católico romanos sobre a abordagem da teologia é intitulado *Problems of Fundamental Theology* (New York: Paulist Press, 1982). Louis Berkhof apresenta uma boa discussão da relação de como e quando a apologetica é “introdução” ou defesa, e em que ponto, em *Introduction to Systematic Theology*, Grand Rapids, MI: Baker Books, 1932, p. 48-51. É significativo que a sua *Teologia sistemática* seja publicada sem sua *Introdução à teologia sistemática*.

Devo quase toda a teologia que sei a todos os meus professores, aos livros de teologia escritos por homens estudiosos e piedosos que li e a todas as aulas ou sermões sólidos que ouvi em toda a minha vida — especialmente aos meus professores de seminário e, sem dúvida, aos professores deles.

A *razão* é mais um meio para a teologia. A maioria dos cristãos “racionais” pressupõe que, por termos sido feitos à imagem de Deus, nossa mente tem a capacidade de pensar, observar causas e efeitos, transformar percepções em concepções e organizar fatos e verdades em arranjos que demonstram relações. Nós pressupomos que o mundo que percebemos com nossos sentidos é real e pode ser de fato compreendido adequadamente mesmo que não de modo perfeito. Se formos diligentes e dedicados poderemos empregar essa capacidade, ou faculdade de deduzir verdades das Escrituras, estabelecer as relações evidentes, ordená-las e tirar conclusões. Os credos da Reforma foram especialmente atentos a esse aspecto. Não são necessários compromissos metafísicos ou epistemológicos exceto o realismo de senso comum que está espalhado por todas as páginas da Bíblia. Deus não faria um mundo em que todas as impressões dos nossos sentidos do mundo externo mentissem para nós.

A *experiência cristã* não é aceita por todos os teólogos ortodoxos como meio para a teologia. Alguns bons cristãos alegaram experiências místicas como fontes de revelação. Mas experiências místicas são, por definição, impossíveis de relatar. A teologia neo-ortodoxa (*Krisis*) inicial e suas sucessoras fazem de toda a Bíblia um relato falível de encontros inefáveis e indescritíveis (eu-tu) com Deus. Isso é rejeitado pelo consenso teológico cristão. Contudo, o ensino de um estudioso “amadurecido” ou de um pastor ou professor “experiente” é mais valorizado que a opinião de novatos. Além disso, haveria uma igreja em todo o mundo hoje se as primeiras gerações de crentes, bem como as sucessivas, não tivessem experimentado realmente o que diz o salmista: “Provem, e vejam como o SENHOR é bom. Como é feliz o homem que nele se refugia!” (Sl 34.8)?

### **Sola Scriptura**

Contudo, por ser a Bíblia a única fonte de teologia, e julgar todas as propostas das outras fontes, a verdade bíblica deve permear todas as páginas deste volume, e as normas derivadas das Escrituras devem controlar, bem como informar, cada frase.

A Bíblia é compreensível no sentido de que qualquer pessoa alfabetizada “no devido uso dos meios ordinários, [pode] alcançar uma suficiente compreensão delas” (*Confissão de fé de Westminster* I.VII). Não obstante, a profunda percepção teológica é beneficiada quando se ultrapassa as traduções até chegar às línguas originais. Este livro não pressupõe a familiaridade do leitor com o grego e hebraico. Assim, ao citar palavras das línguas originais, sua pronúncia é facilitada por meio de uma transliteração não técnica, mas tradicional. Os teólogos, penso, devem praticar a exegese científica, mas devem relatar os resultados e não o processo em um livro não dirigido a especialistas das línguas. Alguns poucos textos, como Romanos 5.12-21 (em conexão com o pecado e a propiciação) e os primeiros versículos de Gênesis (em conexão com a Criação), são exceções e exigem a apresentação de um tratamento exegético técnico dos textos originais.

O esquema formal da teologia sistemática às vezes inclui uma seção sobre a doutrina das Escrituras sagradas. A seção pode ser intitulada bibliologia, inspiração, revelação ou revelação e inspiração. Uma das obras evangélicas ortodoxas de maior sucesso (*Teologia sistemática* de Louis Berkhof) não contém nenhuma seção sobre a Bíblia como tal, mas ao longo de toda a obra depende da veracidade, integridade inspiração e autoridade divinas do cânon dos 66 livros do AT e NT sem se desculpar por isso. Infelizmente, por diversas razões, seguiu o

exemplo de Berkhof. James O. Buswell (*A Systematic Theology of the Christian Religion* [Teologia sistemática da religião cristã]) insere algumas páginas depois da doutrina sobre Deus. William G. T. Shedd (*Dogmatic Theology* [Teologia dogmática], três volumes extensos) fornece 50 ou 60 páginas sobre o assunto, enquanto Francis Pieper (*Christian Dogmatics* [Dogmática cristã]), profundo na controvérsia luterana sobre a Bíblia, traz mais páginas acerca das Escrituras Sagradas que a respeito da doutrina de Deus. Os primeiros seis capítulos deste livro fornecem algumas características da doutrina sobre as Escrituras sagradas, embora eu não tenha incluído nenhuma seção formal acerca delas. Endosso a inspiração plena e verbal, i.e., as palavras das Escrituras, embora em línguas humanas e escritas de forma livre por homens, são também plenamente as palavras de Deus. As palavras das Escrituras, não só as ideias, são palavras de Deus, sem erro nos documentos originais, verdadeiras e imbuídas de autoridade divina.<sup>2</sup>

Pressupõe-se que o leitor esteja familiarizado com a Bíblia toda, não necessariamente tendo feito cursos de Bíblia em sala de aula, mas que tenha a familiaridade proveniente da leitura do Livro. Com um esforço extra de ler diligentemente as referências bíblicas fornecidas e de usar as obras de referência, pode-se obter um conhecimento adequado das Escrituras. Ler 50 páginas por dia em uma Bíblia de tamanho médio levará você de Gênesis a Apocalipse em um mês.

A doutrina sólida está fundamentada na interpretação sólida da Bíblia. Por isso muitos departamentos de teologia sistemática oferecem um curso em *hermenêutica bíblica*. Infelizmente, o campo contemporâneo da hermenêutica está infestado de proponentes agressivos de teorias niilistas e esquisitas sobre o significado e o não significado de documentos, incluindo-se a Bíblia.<sup>3</sup> Temos sido obrigados pelo nosso tempo a lidar com ataques, mas não a nos render a eles. O mesmo realismo de senso comum (formal ou informal) que conduziu você pela geografia na 4ª série ou pela química na faculdade o conduzirá pela Bíblia e teologia. Um curso de hermenêutica não é pré-requisito para teologia. Ela pode esperar.

A teologia também precisa se conscientizar da *introdução bíblica* geral (texto e cânon) e especial (data, autoria, integridade, fontes etc.). Diversos tipos de crítica acadêmica destrutiva têm atacado implacavelmente a fé cristã dessa posição durante dois séculos. Esses tópicos são muito complicados. Eles devem ser estudados sob orientação competente e com boas fontes literárias. No entanto, a teologia sistemática serve tão bem como estudo preliminar aos estudos críticos quanto o inverso, talvez até melhor. Este livro não adota a abordagem pré-crítica nem acrítica da Bíblia, mas a de rejeição declarada àquele tipo de crítica bíblica que pressupõe a rejeição da *Weltanschauung* (cosmovisão) cristã teísta como precondição do estudo acadêmico. Temos o cânon das Escrituras e o aceitamos como inspirado e verdadeiro em todas as suas partes. Adotamos com gratidão e promovemos todas as conquistas do estudo moderno da ciência da interpretação e da introdução especial e geral da Bíblia.

Os alvos deste livro não incluem referências no texto e notas a todos os autores ou mestres que durante minha vida forneceram informações ou influenciaram meu pensamento teo-

<sup>2</sup> Furneci um resumo mais abrangente da doutrina sob o título “The Doctrine of Holy Scripture” em uma seção extensa de um livro publicado em conjunto com o dr. Lloyd M. Perry, *How to Search the Scriptures* (Grand Rapids, MI: Baker Books, 1967, 1979). Pretendo, se Deus permitir, transformar esse modesto esforço em um livro sobre o assunto. Esse é o único de diversos projetos de livro que este volume provocou.

<sup>3</sup> Uma análise boa e breve do assunto de um ponto de vista não comprometido com nenhuma posição é *Hermeneutics* de Bernard Lategan em *The Anchor Bible Dictionary*, vol. 3, p. 149-54, corrigida em parte por *Interpretation of the Bible* de Frederick F. Bruce, EDT, p. 565-8. Um livro-texto recente altamente recomendável é *Introduction to Biblical Interpretation* de Klein, Blomberg e Hubbard.



lógico. Eu documento citações e dou crédito a fontes imediatas mesmo que não diretamente citadas e forneço algumas orientações para leituras adicionais. Os leitores são encaminhados muito mais a autores antigos, da Reforma e pós-Reforma, e a autores evangélicos recentes e contemporâneos que às propostas do florescente mercado teológico de hoje produzido em grande parte pela universidade. Não parece sábio deixar que os saqueadores estabeleçam a agenda da teologia construtiva para os cristãos — mesmo que tentemos tomar nota devida de quaisquer correções positivas ou melhorias sugeridas por suas obras. Os trilhos muito percorridos das controvérsias efêmeras e da “nova teologia” da última moda não conduzem ao depósito da verdade cristã reconhecida e consensual sobre Deus e seus caminhos.

O programa de pesquisa e instrução é *sistemático* porque Deus não é autor de confusão (1Co 14.33). Se é da vontade de Deus que na igreja todas as coisas sejam *feitas* “com decência e ordem” (1Co 14.50; cf. 14.2 e 34) então *pensar* sobre a verdade eterna também deve ser feito com alguma ordem sistemática. O apóstolo ordena ao pastor interino de Éfeso a guardar “o padrão das sãs palavras” que ele já tinha ouvido do professor de teologia sistemática (“sã doutrina [...] de mim ouviste” [2Tm 1.13, ARA]). Paulo lhe diz claramente: “Guarda o bom depósito” (2Tm 1.14, ARA). Até a nossa era, depois de mais de 75 gerações, vem a ordem:

Procure apresentar-se a Deus aprovado, como obreiro que não tem do que se envergonhar e que maneja corretamente a palavra da verdade. Evite as conversas inúteis e profanas, pois os que se dão a isso prosseguem cada vez mais para a impiedade (2Tm 2.15,16).

Logo no início do meu ministério como pastor eu não tinha atingido a competência para fazer o que esses e outros trechos semelhantes requerem. Minha formação universitária fora interrompida por tempos prolongados e difíceis. Não havia dinheiro que fizesse um pastor se mudar de um grande centro urbano para nossa igreja muito remota. Assim, quando nosso jovem pastor pediu demissão para poder concluir sua formação acadêmica, a igreja convidou a mim e minha jovem esposa a nos mudarmos para a casa pastoral para pregar, ensinar e pastorear o rebanho com a tenra idade de 21 anos! As coisas funcionaram relativamente bem. O entusiasmo e a voz forte de um jovem em uma comunidade de muitos amigos locais, velhos e jovens, nos levaram a um bom caminho. A congregação estava até atraindo algumas pessoas novas.

Eu já contava com boa percepção da estrutura histórica e do conteúdo literário da Bíblia e estava familiarizado com as notas da maioria das Bíblias de estudo populares na época. Alguns cursos universitários de Bíblia, história da igreja, evidências a favor do cristianismo e algumas horas-crédito de grego capacitaram o aspirante a pastor e mestre a determinar o significado superficial do texto da epístola aos efésios e alguns de seus aspectos mais profundos. Mas no primeiro capítulo ele cruzou com a eleição, a santa Trindade, a vontade soberana de Deus, o reino presente de Cristo no céu e uma doutrina aparentemente complicada sobre a igreja. Nada no seu pano de fundo servia para prover uma definição e uma estrutura lógica das doutrinas pelas quais essas grandes verdades da revelação poderiam ser definidas e relacionadas umas às outras e a “todo o desígnio de Deus”. A igreja antiga usava *katholikos* tanto para se referir à totalidade da igreja em todo o mundo quanto ao *cânon da fé*, ou esquema de crenças — em outras palavras, a teologia sistemática. Do que esse aspirante de pastor e mestre precisava desesperadamente, é chamado de forma comum nos EUA teologia sistemática, ou seja: “O que a igreja de Jesus Cristo crê, ensina e confessa com base na Palavra de Deus: isso é doutrina cristã”.<sup>4</sup>

<sup>4</sup> A primeira linha, repetida muitas vezes depois, da obra de Jaroslav Pelikan, *The Christian Tradition*, 5 vols., vol. I, p. 1. Em português, *A tradição cristã*, Shedd Publicações.

Nenhum teólogo e nenhuma denominação têm o domínio sobre todos os detalhes, embora cada autor ou conferencista necessariamente confira suas características à estrutura e aos detalhes. Mesmo assim, para ser interessante para alguém além do autor e de seus simpatizantes imediatos, a teologia sistemática precisa consistir principalmente em doutrina histórica, consensual, ortodoxa e bíblica — na linguagem de Vicente de Lérins, o que foi crido “em todos os lugares, sempre, por todas as pessoas” — ou seja, pelos crentes ortodoxos.

A “Introdução à teologia” a seguir trata das perguntas suscitadas por estas frases iniciais e estabelece o fundamento para tudo que segue.

PARTE 1  
**TEOLOGIA PROPRIAMENTE DITA**  
**Introdução e doutrina de Deus**

PARTE 2  
**ANTROPOLOGIA**  
O homem como foi criado

PARTE 3  
**HAMARTIOLOGIA**  
O homem como pecador

PARTE 4  
**CRISTOLOGIA**  
Pessoa e obra de Cristo

PARTE 5  
**SOTERIOLOGIA**  
A salvação aplicada

PARTE 6  
**ECLESIOLOGIA**  
Igreja local e universal

PARTE 7  
**ESCATOLOGIA**  
Últimas coisas, indivíduo e universo

**BIBLIOGRAFIA**

# Uma introdução à teologia cristã

## I. O que a teologia é

Podemos afirmar acertadamente que a teologia cristã é o estudo ou tratamento organizado do tópico, “Deus”, do ponto de vista do cristianismo. No entanto, essa definição simplista pode dar uma impressão falsa, visto que a teologia não é meramente uma interpretação do significado de Deus visto do lado de fora. A teologia é uma parte ou um aspecto do próprio cristianismo. Em um nível mais profundo, a teologia faz parte da essência do cristianismo. Ela tanto faz parte da essência que prescindir da teologia é prescindir do cristianismo.

O cristianismo não é apenas uma combinação de cerimônias, crenças, adeptos, história etc. Talvez a religião cristã seja tudo isso, mas essa também pode ser uma afirmação enganosa, visto que ela não é um agregado ou uma combinação de coisas como, por exemplo, o batismo (a cerimônia), o *Credo apostólico* (crenças), uma congregação de batistas (adeptos) e um livro de história da igreja.

O cristianismo autêntico é algo singular. Podemos compará-lo a um componente químico, como, por exemplo, o ácido sulfúrico ( $H_2SO_4$ ). O  $H_2SO_4$  não é formado por duas partes de hidrogênio, uma de enxofre e quatro de oxigênio misturados de alguma maneira em um tubo de ensaio. Esse composto é, na verdade, uma única coisa em que há três elementos tão integralmente unidos que formam uma substância diferente quando comparada a qualquer um dos três elementos individuais, e de qualquer outro composto. Os aspectos distintivos do cristianismo são, na verdade, de pouca importância, se tomados separadamente. Eles estão sempre combinados na religião cristã autêntica. Cada aspecto é distinto nas Escrituras. Há quatro aspectos: 1) atos específicos de Deus na história, ou *redenção*; 2) o significado dos atos de Deus conforme apresentados nas Escrituras Sagradas, ou *doutrinas*; 3) a *vida de incontáveis crentes*, os próprios cristãos ao longo dos séculos, mais particularmente, dos vivos hoje; e 4) as *congregações dos crentes* em todo mundo, as igrejas, ou, consideradas na unidade espiritual, a igreja.

### Redenção — História do que Deus fez

Em primeiro lugar, na ordem histórica e local, o cristianismo é representado pelo que Deus fez há muito tempo. A segunda pessoa da Divindade se tornou homem. Ele viveu, sofreu e morreu por nós e pela nossa salvação. Ele ressuscitou, ascendeu à direita de Deus onde, atualmente, reina até por seus inimigos sob seus pés (Mt 22.44) e onde realiza certos ministérios por nós na presença do Pai. Essencialmente, no entanto, a redenção está terminada: “Depois de ter realizado a purificação dos pecados, ele se assentou à direita da Majestade nas alturas” (Hb 1.3). O assentar-se significou, em parte, que a obra redentora estava completa.

O que Deus fez na carreira redentora de Jesus de Nazaré foi a consumação dos acontecimentos das atividades de Deus desde a eternidade, passando por toda a história preparatória do AT, até o momento em que na “plenitude do tempo, Deus enviou seu Filho” (Gl 4.4).



Podemos dizer acertadamente que o cristianismo é uma história, em que a obra da redenção foi concluída em certo período do tempo linear. Os acontecimentos da redenção podem ser localizados de forma precisa no tempo e no espaço. Os quatro primeiros livros do NT são as únicas fontes de informação autênticas e amplas desses atos de Deus.

Os quatro evangelhos não são exatamente do gênero literário de história, mas eles contêm uma espécie muito especial de história, ou seja, relatos verdadeiros de acontecimentos de certa época. Embora não sejam muito específicos em relação ao arcabouço do tempo, a natureza dos próprios acontecimentos é clara, se permitirmos que os relatos falem por si mesmos.

A primeira geração cristã ouviu a história da redenção de testemunhas oculares — pelo menos os mais antigos tiveram esse privilégio. Nós, no entanto, dependemos do testemunho escrito dessas testemunhas oculares. Não há fonte alternativa confiável até o dia de hoje.

O elemento que o cristianismo chama de história (acontecimentos reais, não meros relatos deles) na nossa religião é responsável, em grande parte, pela preponderância da narrativa na maior parte da Bíblia até as epístolas do NT. Essa também é a razão por que os “evangelhos” são evangelhos — veremos mais a esse respeito posteriormente.

### **Doutrinas — O significado bíblico da história redentora**

Há o segundo elemento essencial em nossa religião. Os acontecimentos da história da salvação bíblica — os atos de redenção de Deus — têm significado. Eles devem ser interpretados, e são originalmente interpretados, nas mesmas Escrituras que relatam os atos divinos. Essa interpretação é conhecida por doutrina.

O saudoso J. Gresham Machen explicou bem essa questão:

Desde o princípio, o evangelho cristão, como na verdade o nome “evangelho” ou “boas-novas” sugere, consistiu no relato de algo que de fato ocorreu. E quando desde o início o significado do acontecimento era descrito, tínhamos a doutrina cristã. “Cristo morreu” — é história. “Cristo morreu pelos nossos pecados” — isso é doutrina. Sem esses dois elementos ligados de modo indissolúvel não há cristianismo.<sup>1</sup>

A morte de Cristo vista como fato nu e cru não é doutrina, nem mesmo um fato muito significativo. Julio César morreu. O mesmo aconteceu com meu querido pai há mais de quarenta anos e minha querida mãe há mais de cinquenta. “O homem está destinado a morrer uma só vez” (Hb 9.27). Não há significado especial para a raça humana no fato de um homem morrer, mesmo um homem sem pecado, a não ser que alguém com conhecimento dos fatos nos conte por que e para quê. A morte de Cristo, como às vezes se ouve acertadamente, teve um significado cósmico. A declaração desse fato com o significado que tem para o mundo de pessoas pecadoras é uma declaração de doutrina cristã. Nós a denominamos doutrina da propiciação (ou expiação).

Há uma abordagem moderna do cristianismo que sustenta que todas as doutrinas são afirmações e interpretações da experiência religiosa. Meu professor de religião da faculdade liberal Niebuhriana, por exemplo, afirmava que a doutrina de Lutero acerca da justificação pela fé era a interpretação do reformador baseada na própria experiência religiosa de perdão e aceitação por Deus. É evidente que Lutero, que encontrou essa doutrina nos salmos evangélicos, em Gálatas e Romanos enquanto preparava seus sermões para a congregação de uma das igrejas de Wittenberg, afirmou que a ideia era, na verdade, o oposto. Primeiro ele aprendeu a doutrina da justificação de Davi e Paulo com base no sangue derramado de

---

<sup>1</sup> *Christianity and Liberalism*. Grand Rapids: Eerdmans, 1923, p. 27.

Jesus, obtida somente pela fé. Depois que pela fé se apropriou da justiça de Deus, ele teve maravilhosas experiências cristãs.

A distinção de fatos redentores do cristianismo e doutrina não deve ser exagerada, pois não se aplica a todas as doutrinas e fatos. Alguns ensinamentos, que precisam ser chamados doutrinas, são verdades reveladas. Entre esses estão o ministério atual de Cristo por nós no céu, sua segunda vinda e o ministério hodierno do Espírito Santo. A doutrina da santa Trindade é em parte interpretação cristã dos acontecimentos da história (por exemplo, os eventos no batismo de Jesus) e em parte verdade revelada.

Além disso, há algumas doutrinas uniformemente cridas, confessadas e proclamadas por cristãos em toda parte que não estão escritas em nenhum versículo da Bíblia, mas que são cridas como se estivessem. Algumas doutrinas contêm sua declaração abrangente e exata em um único texto da Bíblia. Outras não. Por que isso ocorre e o que os teólogos fazem a esse respeito são questões que precisam ser tratadas mais tarde.

A insistência na proclamação desses dois elementos, a interpretação dos fatos e a história e seus significados, é encontrada repetidas vezes no NT. Contudo, apesar disso, em quase cada geração, propõe-se outra ênfase, “um outro evangelho”, “que não é outro”. Quando comecei a tomar conhecimento dessas coisas na faculdade, a noção predominante nos centros protestantes de treinamento ministerial nos EUA era que a compreensão superior dos apóstolos acerca dos princípios morais eternos ensinados por Jesus e exemplificados por ele era o evangelho conquistador do Império Romano. Mais uma depressão mundial, Hitler, a Segunda Guerra Mundial e a dissolução do liberalismo tornaram inofensiva essa fábula. Então, nos Estados Unidos, o evangelho da experiência existencial (neo-ortodoxa) veio e se foi. Depois disso, apareceu a teologia da “imagem de Deus no homem”, que promove a autossatisfação como o evangelho cristão essencial. Houve e há outras teologias. Uma série de livros acerca dessas e outras teologias passageiras está nas prateleiras da biblioteca particular de muitos pregadores da atualidade. Como tudo o mais no mundo (1Jo 2.17), elas “passam”.

### **A vida de incontáveis crentes**

É provável parecer óbvio a todos os que refletem a esse respeito que de alguma maneira o cristianismo deve ser devidamente equiparado a todos os cristãos que conhecemos. Isso está pelo menos em parte correto. Cristianismo é vida, vida humana de um tipo muito especial. Aqui precisamos estudar brevemente um pouco mais da história bíblica e do testemunho apostólico.

Observe como Paulo liga a história da redenção e o significado dela na sua vida como uma religião essencial e verdadeira: “Cristo será engrandecido em meu corpo, quer pela vida, quer pela morte; porque para mim o viver é Cristo e o morrer é lucro” (Fp 1.20,21, NVI). “Fui crucificado com Cristo. Assim, já não sou eu quem vive, mas Cristo vive em mim. A vida que agora vivo no corpo, vivo-a pela fé no filho de Deus, que me amou e se entregou por mim” (Gl 2.20, NVI).

Esse é o cristianismo desde o início. O início do cristianismo, de acordo com Atos, as epístolas e Apocalipse, é reconhecido outra vez até por muitos estudiosos críticos como um fenômeno definitivamente histórico, não místico ou imaginário. Isso está ocorrendo, apesar de dois séculos de todos os tipos de ataque imaginável à genuinidade dos relatos. O cristianismo começou alguns dias após a ressurreição e ascensão de Jesus. Não foi um início absoluto visto que ele já existia em formas preliminares tão logo Jesus reuniu um grupo inicial de cinco ou seis que o acompanhavam no primeiro ano do seu ministério público. Eles nem ao menos eram conhecidos por um nome coletivo específico. Isso somente ocorreu anos mais tarde, em Antioquia da Síria, onde seus vizinhos os chamaram de “cristãos” (At 11.26).

De alguma maneira se tornou público o fato de que Cristo não só era o mestre, exemplo e Salvador deles, mas que habitava neles e com eles. Paulo não inventou a teologia da vida cristã de que lemos nas declarações citadas acima em Filipenses 1.20,21 e Gálatas 2.20.

Estudaremos mais tarde a respeito do desenvolvimento da ideia da vida cristã, tanto individual quanto em grupo. A dinâmica desse desenvolvimento, no entanto, começa a ser exibida no primeiro capítulo de Atos e vai até o fim de Apocalipse. Em poucas palavras, os elementos foram a atenção constante (*proskarterountes*) à doutrina apostólica (*didachē*), à comunhão (*koinōnia*), ao fato central especial da adoração, i.e., o “partir do pão”, às orações juntos (At 2.41,42 e 4.23-41) e ao testemunho público (At 2.43-47 e 5.12-42). Esses elementos eram irresistíveis para os de fora, purificadores para os de dentro e desejáveis para o coração da humanidade.

O sucesso do movimento cristão sempre causou grande fascínio entre historiadores e filósofos. Quais forças estavam em ação para que o Império Romano fosse subjugado pelo cristianismo nos três primeiros séculos, desde cerca de 30 até 315 d.C.? Leitores diligentes encontrarão esse tema discutido de forma acadêmica nas seguintes fontes: *Declínio e queda do Império Romano* de Edward Gibbon, *The History of Dogma* [A história do dogma] de Adolf von Harnack, *The Social Teachings of the Churches* [Os ensinamentos sociais das igrejas] de Ernst Troeltsch, *A história do cristianismo* de Kenneth Scott Latourette e *Um estudo de História* de Arnold J. Toynbee. Há muitas diferenças e concordâncias parciais entre esses cinco escritores. Todos concordam, no entanto, em que a qualidade moral de vida desses primeiros cristãos, em combinação com o amor uns pelos outros e o cuidado pelo bem-estar de toda a humanidade, os destacava sobremaneira. Essas qualidades passaram a ser gradualmente admiradas, mesmo que de forma relutante, apesar do molestamento de uma sucessão de imperadores, na vã esperança de salvar a sociedade corrupta da ruína do paganismo romano antigo, sem se dignar em reconhecer qualquer uma das afirmações do cristianismo.

A mesma qualidade de vida é da essência do cristianismo bíblico. A religião professada em qualquer lugar sem essa qualidade é menos do que a religião da qual Jesus é o cerne, a vida e o centro.

### **Uma igreja-instituição, igrejas e organização**

Há um quarto elemento — o agrupamento público dos crentes em congregações. Eles têm vida corporativa, parcialmente perceptível por todos. No clássico de John Bunyan, *O peregrino*, logo no início da jornada da cidade da destruição para o monte Sião, Cristão depara com um palácio construído pelo Senhor do Desfiladeiro, “para servir de descanso e de asilo aos viandantes”. Ali ele conheceu Prudência, Piedade e Caridade, recebeu cuidado e alimento e foi enviado em direção ao destino celestial, equipado com toda a armadura de Deus. Essa armadura lhe foi útil em todos os estágios futuros da jornada.

As pessoas dessas associações locais visíveis também se consideram membros de uma comunidade espiritual de cristãos do mundo inteiro. Esses cristãos vivos, com todos os cristãos falecidos, agora no céu, formam a “igreja dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus” (Hb 12.23) e constituem “a igreja, que é o seu corpo, a plenitude daquele que enche todas as coisas, em toda e qualquer circunstância” (Ef 1.22, 23).

Essa unidade dos crentes — local e universal — é tão central no retrato do cristianismo do NT que nossa religião não pode ser discutida nem podemos nos apropriar dela sem nos referirmos a esse tema. Não é possível ter Cristo, ou amá-lo, admirá-lo e confessá-lo sem participar da “Igreja”. Foi assim que Cristo determinou essa questão. Por razões de espaço e boa ordem, a exposição adequada da igreja como doutrina aguardará o momento devido

neste tratamento de doutrinas. Os traços da igreja que a distinguem de outros grupos sociais serão então examinados. A igreja de hoje é inseparável, em verdade e reflexão acerca dela, da igreja de ontem e da igreja de amanhã. Ela é uma realidade celestial e uma entidade terrena. A história do cristianismo e a história da igreja podem ser distintas, mas não separadas.

Para resumir, o cristianismo está sujeito a quatro aspectos inseparáveis: 1) *atos redentores de Deus na história*; 2) *doutrinas*, que são interpretações apostólicas do significado dessa história; 3) a *vida* dos que aceitaram os atos redentores de Deus na história e a interpretação apostólica deles; e 4) a *Igreja* “dos primogênitos, cujos nomes estão escritos nos céus” (Hb 12.23).

## II. O que a teologia sistemática é

É evidente que um livro de “teologia”, embora ainda não tenhamos definido completamente a palavra teologia, está conectado estreitamente com o aspecto “doutrina” do cristianismo. “O que a igreja de Jesus Cristo crê, ensina e confessa com base na Palavra de Deus: essa é a doutrina cristã [...] A igreja cristã não seria a igreja como a conhecemos sem a doutrina cristã”.<sup>2</sup>

Quando o que a igreja ensina é anunciado — à medida que emerge parte por parte na Bíblia —, o discurso é chamado corretamente *exposição*. O processo de explorar os textos e apresentar o significado como preparação para a exposição é chamado *exegese*. Ensinos específicos são *doutrinas*. Essas doutrinas são cridas e confessadas regularmente pelos cristãos quando se reúnem para adoração, em classes e grupos, bem como em particular com seus vizinhos. Quando essas doutrinas são organizadas em uma disposição lógica e coerente, temos a *teologia sistemática*. Como veremos mais tarde, teologia sistemática é mais que uma disposição lógica de doutrinas bíblicas, no entanto, nunca poderá ser menos caso reivindique o título de *Teologia sistemática da religião cristã*.<sup>3</sup> Há outros adjetivos usados com “teologia” — bíblica, histórica, prática, dogmática, simbólica — mas por hora vamos nos ater somente à teologia sistemática.

O estudo sistemático das doutrinas da Palavra de Deus não pode nem deveria evitar a disposição organizada e coerente das doutrinas. O estudo significativo da botânica, zoologia, direito, história, medicina, agricultura ou qualquer outro tópico não pode ter seguimento sem uma disposição organizada e coerente dos dados.

Se quisermos instruir os novos cristãos na fé, e também expor, descrever e corrigir falsas doutrinas, e caso os ensinamentos da Bíblia devam ser vistos na sua inteireza, então algo não escrito no livro chamado Bíblia, mas escrito na natureza humana, deve ser levado a ela. Chamamos isso disposição ordenada ou sistema.

Para ilustrar, a natureza colocou uma centena de espécies de plantas todas juntas em um acre de floresta na encosta da colina no meu sítio. Mas para conhecer e usar o que está ali — mesmo tendo sido criado em uma fazenda e meus antepassados todos terem sido “fazendeiros ianques” por pelo menos dez gerações — comprei vários livros sobre botânica: um sobre flores, outros sobre arbustos, árvores que mudam de folhas anualmente, árvores coníferas e assim por diante. Cheguei a comprar diversos livros sobre madeira de lei e madeira para fazer lenha. De forma semelhante, os tópicos dos *loci* da teologia (latim para “lugares”, singular, *locus*) nasceram da necessidade racional das pessoas reflexivas. Esses *loci* geralmente começam com Deus, em seguida passam para a revelação (sagradas Escrituras),

<sup>2</sup> Jaroslav Pelikan, *The Christian Tradition: A History of the Development of Doctrine*, vol. I. (Chicago: University of Chicago Press, 1971), p. 1.

<sup>3</sup> J. O. Buswell, *A Systematic Theology of the Christian Religion*, 2 vols. (Grand Rapids: Zondervan, 1962, 1971).